

PENTECOSTALISMO QUADRANGULAR E PROPOSTAS DE RESSIGNIFICAÇÃO DE SUA DOCTRINA E PRÁTICA

Myckon Alves de Oliveira¹

Resumo:

O Artigo descreve a base dogmática da Igreja do Evangelho Quadrangular, caracterizando os quatro pontos cardinais de sua doutrina: Salvação, Cura Divina, Batismo com Espírito Santo e a Segunda Vinda de Cristo; seguida de uma análise crítica que propõe uma ressignificação do pensamento e da prática quadrangular alinhados com a contemporaneidade.

Abstract:

The article describes the dogmatic basis of the Church of the Foursquare Gospel, characterizing the four cardinal points of its doctrine: Salvation, Divine Healing, Holy Spirit Baptism and the Second Coming of Christ; Followed by a critical analysis that proposes a re-signification of the thought and the quadrangular practice aligned with the contemporaneity.

¹ Bacharel em Teologia e pastor auxiliar na Igreja Quadrangular em Sumaré/SP

1. A Igreja do Evangelho Quadrangular e sua doutrina

A Igreja do Evangelho Quadrangular, doravante denominado IEQ, corporação religiosa que se define como interdenominacional no espírito, evangélica na mensagem e internacional no projeto, composta pela união de fiéis que se congregam para a promoção da causa do evangelismo no mundo e, para a pregação do Evangelho Quadrangular do Reino: Jesus Salvador, Batizador, Médico e o Rei que voltará, de acordo com sua Declaração de Fé, é uma igreja de origem norte-americana que esta no Brasil desde 1951.

A expressão “Evangelho Quadrangular”, conforme relata sua fundadora, a missionária canadense Aimee Semple McPherson, veio por inspiração em sua última campanha de reavivamento nos Estados Unidos realizada em fins de julho de 1922 na cidade de Oakland na Califórnia. O tema da mensagem era a visão de Ezequiel, localizada no livro de mesmo nome capítulo um. Segue o relato da irmã McPherson à respeito daquela noite:

Minha alma se sentia reverente. Meu coração vibrava. A glória radiante daquela visão celestial parecia encher e permear não só o tabernáculo como toda a terra. [...] No rosto do homem, contemplamos o homem de dores que sabe o que é padecer, morrendo na cruz. No rosto do Leão, contemplamos aquele que batiza com Espírito Santo e com fogo. O rosto do boi tipificava o grande carregador de fardos que levou sobre si as nossas enfermidades e as nossas dores. No rosto da águia, vimos refletidas as visões arrebatadoras do Rei que virá. [...] Um evangelho perfeito. Um evangelho completo para o corpo, a alma, o espírito e a eternidade. Um evangelho que olha diretamente em todas as direções[...]. Nasceu em minha alma uma harmonia, que se iniciou e se manteve em quatro cordas plenas, trêmulas e delas foram extraídas as palavras que se formaram de repente – o Evangelho Quadrangular. (COX, 1969, p. 13-14).

É notória a base dogmática do Evangelho Quadrangular. Uma doutrina pentecostal que enfatiza quatro pontos: A salvação, a cura divina, o batismo com Espírito Santo e a Volta de Cristo. Claro que nada disso era novidade, pois desde a igreja primitiva descrita em Atos, esses pontos eram evidenciados em sua prática e doutrina.

Embora esse evangelho tivesse recebido o nome “quadrangular”, em 1922, e apesar de ter sido proclamado pela fundadora durante cerca de quatorze anos, antes de a frase descritiva ser cunhada, a mensagem propriamente dita, não é de forma alguma moderna, nem nova, nem recente. O movimento quadrangular procura difundir a mesma mensagem, ministério, ênfase e experiências que formaram a norma da primeira igreja apostólica, como descrita no livro de Atos e nas epístolas do novo testamento. (COX, 1969, p. 18)

Dada essa breve introdução sobre a doutrina quadrangular, faremos uma exposição de cada um desses pontos cardinais usando como base a Declaração de Fé da IEQ e a obra do Dr. Raymond L. Cox – “A visão de Aimee Semple McPherson o Evangelho Quadrangular”, seguida de uma análise crítica para resignificação e atualização do pensamento e prática quadrangular.

2. A Soteriologia – Doutrina da Salvação

A doutrina da salvação, esta expressa no artigo V da Declaração de Fé da IEQ, doravante denominada DFIEQ, transcrito abaixo:

Creemos que a salvação dos pecadores é inteiramente pela graça, que não temos justiça alguma ou bondade em nós mesmos, por onde procurar o divino amparo, havendo que lançarmo-nos, portanto, a inabalável misericórdia e amor daquele que nos comprou e nos lavou no seu próprio sangue, clamando os méritos e a justiça de Cristo o Salvador, firmados na sua palavra e aceitando o livre dom de seu amor e perdão. (CND - CONSELHO NACIONAL DE DIRETORES IEQ, 2006, p. 26)

A Salvação é a primeira doutrina do Evangelho Quadrangular representada e tipificada na visão de Ezequiel pelo rosto do homem que apresenta Jesus Cristo como o filho do homem, o Salvador sacrificado por toda humanidade; tendo como símbolo a cruz, significando a morte de Cristo em sacrifício pela nossa salvação; o evangelho da salvação é o de Lucas, que originalmente foi escrito aos gregos que tinham como ideal alcançar a perfeição humana. Lucas apresenta Jesus como o homem perfeito que veio buscar e salvar o que se havia perdido.

A queda do homem ocorrida no Éden, conforme o relato do Gênesis 3, é o evento desencadeador do plano de salvação. A queda contaminou também todos os descendentes [da humanidade], sem possibilidade de reparo por parte do homem (COX, 1969, p. 74). Esse fato também é enfatizado pela DFIEQ em seu artigo III – A queda do homem. Daí a necessidade da salvação. O plano está totalmente centrado em Cristo, por

quem somos reconciliados com Deus: Cristo obteve reconciliação pelo sangue da sua cruz e nós somos reconciliados por este sangue precioso e nos aproximamos de Deus (COX, 1969, p. 77). Podemos sintetizar a definição de Salvação, sob a perspectiva quadrangular, como reconciliação do homem com Deus.

Embora a salvação tenha uma dimensão escatológica, é um conceito extremamente complexo, pois também aconteceu no passado (Rm 8.24; I Co 15.2), bem como é algo que está acontecendo agora, no presente (I Co 1.18) (MCGRATH, 2005, p. 469). Porém, notadamente a ênfase da salvação parece ter uma primazia escatológica na prática quadrangular. Há uma preocupação perceptível na literatura e na pregação sobre a “salvação da alma”.

Uma influência platônica tem estado presente ao longo da História do Cristianismo, separando corpo e alma, matéria e metafísica. Em nossos tempos essa influência tem sua face visível naqueles cristãos apenas preocupados com a "alma", a "vida espiritual" (contrastada com a vida material), o "outro mundo", a vida após a morte, de tendência ascética, separatista e alienada. (ROCHA, 2003, p. 25)

Além da ênfase escatológica, há também na prática quadrangular, um entendimento de salvação no presente, manifesta na vida cristã diária, conforme Artigo VIII da DFIEQ:

Creemos que, tendo sido purificados pelo precioso sangue de Jesus Cristo e, tendo recebido o testemunho do Espírito Santo na conversão, é desejo de Deus que nos santifiquemos diariamente e, nos tornemos participantes de sua santidade crescendo constantemente, cada vez mais fortes na fé, poder, oração, amor e serviço; primeiramente, como crianças desejando leite não falsificado, neste mundo; depois como homens fortes vestindo toda a armadura de Deus, marchante avante para novas conquistas em seu nome, ao abrigo de seu estandarte de sangue; vivendo sempre uma vida paciente, sóbria, não egoísta, segundo Deus, a qual representa um verdadeiro reflexo de Cristo em nós. (CND - CONSELHO NACIONAL DE DIRETORES IEQ, 2006, p. 28)

Baseado no artigo supra, fica evidente que a salvação no presente se desencadeia em um processo, que podemos chamar de santificação, num sentido de crescimento em direção a santidade de Deus, fortalecimento na fé, poder, oração, amor e serviço, caracterizando um sentido espiritual para este crescimento, que culminaria com a salvação futura.

2.1. Resignificação da Soteriologia no Pensamento e Prática Quadrangular

O primeiro aspecto da doutrina e prática soteriológica quadrangular, diz respeito à necessidade de ampliar o conceito de salvação. Sem sombra de dúvidas a salvação é reconciliação com Deus, porém também precisa ser reconciliação com o humano (consigo mesmo e com o próximo) e com a criação (o planeta terra).

Se o ponto de partida da doutrina da salvação é a queda do homem, e se Cristo traz uma salvação reconciliar, essa reconciliação precisa abarcar todos os aspectos que foram perdidos quando da queda do homem. Gênesis 1.26-28 relata que o homem foi feito a imagem e semelhança de Deus, e Ele deu ao homem domínio sobre os peixes do mar, as aves do céu, os animais domésticos, todas as feras e todos os répteis que rastejam sobre a terra... e ainda que o homem fosse fecundo, se multiplicasse, enchesse a terra e a submetesse. Ressaltamos aqui os termos imagem e semelhança, domínio, encher e submeter.

A imagem e semelhança, provavelmente, não estão relacionadas ao aspecto físico, e sim a capacidade intelectual do homem e sua posição de diferenciação em relação ao restante da criação. Essa posição garante a ele exercer o domínio, povoar e submeter a terra. Não se trata aqui de subjugar a criação, mas de gerir com inteligência aquilo que Deus criou. Essa gerência implica tanto no viver harmonioso com o próximo, como com a natureza, lugar de onde o homem retira os recursos necessários a vida. Se salvação é reconciliação com Deus, logo se trata de uma reconciliação integral, uma recuperação mesmo que ainda não plena, porém em todas as esferas, do estado original do homem. Um conceito de salvação integral, significando a reconciliação com Deus, com o humano e com a natureza.

O outro aspecto importante acontece em consequência do entendimento integral de salvação. Se além da reconciliação com Deus, a salvação implica em reconciliação com o humano e com a natureza, forma-se uma nova dimensão escatológica da salvação, sem aquela primazia futurista. Tanto o aspecto passado da salvação, quanto o presente, que agora se manifesta na responsabilidade que o homem tem com essa vida presente, adquirem importância igualitária frente à vida futura.

A vida presente não é apenas um meio de se adquirir a futura. Mas sim um meio de manifestar àquela salvação futura, na vivência comunitária e no cuidado com o planeta. O cristão deixará de viver alienado às circunstâncias que o rodeiam.

O resultado dessa compreensão integral configurará num reflexo imediato na missão da igreja. O tema salvação necessariamente precisa estar vinculado à missão. Jesus sempre se preocupou integralmente com as pessoas. No milagre da multiplicação dos pães e peixes (Mateus 14.13-21), Jesus após ensinar aquelas pessoas e curar os enfermos, se viu preocupado em despedir aquela multidão com fome. Milagrosamente multiplica aqueles pães e peixes a ponto de ter alimento suficiente para saciar a todos. Aquela multidão voltou integralmente saciada para casa. As demonstrações de compaixão de Jesus para com os cegos, leprosos, a mulher do fluxo de sangue, etc, estava para além da cura física. Era restauração da dignidade humana àqueles que estavam à margem da sociedade.

Tiago, em sua carta aos cristãos dispersos pelo mundo greco-romano, adverte a Igreja sobre o dever de suprir as necessidades dos menos favorecidos:

Se um irmão ou uma irmã não tiverem o que vestir e lhes faltar o necessário para a subsistência de cada dia, e alguém dentre vós lhes disser: Ide em paz, aquecei-vos e saciai-vos, e não lhes der o necessário para a sua manutenção, que proveito haverá nisso? Assim também a fé, se não tiver obras, está completamente morta. (Tiago 2.15-17)

A igreja que tem a Bíblia como regra de fé, não encontrará dificuldades em encontrar subsídios bíblico/teológicos que respaldem a necessidade de uma ação integralizadora entre “salvação da alma” e as “obras” como expressão missional. Rene Padilla, um dos fundadores da FTL² propõe um “casamento” que une palavra e a ação, a fé e as obras, a justificação e a luta pela justiça como cônjuges “numa só carne” (PADILLA, 2014, p. 26).

Um conceito mais bíblico da missão sugere que a evangelização genuína é inseparável da responsabilidade social e que a ação social cristã é inseparável da evangelização. E a isto alude a expressão *missão integral*, [...]. À partir desse ponto de vista, não faz nenhum sentido falar de “prioridade da evangelização”! A missão é cristã na medida em que se orienta para a plena satisfação das necessidades humanas básicas, tanto espirituais como psicológicas, físicas e

² Fraternidade Teológica Latino-americana

materiais, tanto pessoais como sociais, tanto privadas como públicas (PADILLA, 2014, p. 26).

A soteriologia na doutrina quadrangular necessariamente precisa atualizar sua conceituação e sua prática integrando a missão ou ação evangelizadora a responsabilidade social e também ambiental em seu sentido mais amplo, refletindo um evangelho integral que supra a necessidade humana como um todo.

3. As curas e milagres

A cura divina tem sido uma marca identitária da doutrina e da prática quadrangular desde sua origem na década de 20. Aimée McPherson no início de seu ministério teve uma experiência de cura com o Rev. Willian Durham³.

Certa ocasião, quando assistia a uma série de conferências dirigidas pelo Rev. Durham, Aimee sofreu um acidente, caindo de uma escadaria. Fraturou o osso do pé e rompeu quatro ligamentos, fazendo com que os dedos ficassem encolhidos. Mesmo com o gesso após o curativo, o médico não deu muita esperança de cura. [...] Já no seu quarto, pronta para deitar-se e descansar, ouviu uma voz lhe dizendo: “Se tu embrulhares o sapato do pé fraturado, voltares ao culto, e pedirdes ao Rev. Durham para orar por ti, levando contigo o sapato para calçá-lo na volta, eu cura-lo-ei.” Um tanto duvidosa a princípio, mas dada a insistência daquela voz em seu coração, dirigiu-se ao salão apoiada numa muleta. Sentindo dores horríveis por haver tropeçado com a muleta, contou aos irmãos o que tinha falado. Em seguida, o Rev. Durham colocou suas mãos sobre o seu tornozelo e disse: “Em nome de Jesus receba a cura.” Sentindo que fora curada no mesmo instante, o gesso foi tirado e de um salto colocou-se em pé e começou a andar, louvando a Deus. Desde aquele momento, ela teve fé e poder de Deus para orar pelos enfermos também. (ROSA, 1978, p. 275)

A cura divina é uma experiência que faz parte do DNA da IEQ e não foi diferente em sua chegada em terras brasileiras, principalmente com a Cruzada Nacional de Evangelização⁴ ocorrida na década de 50 e início da década de 60.

...pode-se afirmar que a Igreja do Evangelho Quadrangular foi um movimento de cura divina por excelência em seus primórdios. Diz-se isso com base em sua própria história que, nesse período, quase se

³ Pastor pentecostal norte americano que participou do Avivamento de Azusa e mentor de nomes como o italiano Louis Francescon (fundador da Congregação Cristã no Brasil), os suecos Gunnar Vingren e Daniel Berg (fundadores das Assembléias de Deus no Brasil) e a própria Aimee Semple McPherson.

⁴ Movimento de Evangelização iniciado na cidade de São Paulo, sendo levado posteriormente ao interior e outros estados, como Paraná e Minas Gerais que usava como estratégia Tendões de Lona, que funcionavam como capelas ambulantes.

confunde com a biografia de sua fundadora, a bela jovem canadense de origem metodista: Aimee Kennedy⁵. (LOPES, 2015, p. 78)

Na DFIEQ, a crença na cura divina esta expressa no artigo XVII

Creemos que a cura divina é uma manifestação do poder do Senhor Jesus Cristo para curar os enfermos e aflitos, em resposta à oração sincera; que Ele, sendo o mesmo ontem, hoje e para sempre, jamais mudou; mas é, ainda, um auxílio plenamente suficiente na hora da dor, capaz de saciar as necessidades, vivificar o corpo, a alma e o espírito a uma novidade de vida, em resposta a fé daqueles que oram com submissão à sua vontade divina e soberana. (CND - CONSELHO NACIONAL DE DIRETORES IEQ, 2006, p. 35)

Na visão de Ezequiel a cura divina está representada e tipificada pelo rosto do boi que apresenta Jesus Cristo como aquele que suporta cargas e fardos e veio a terra para levar sobre si toda a carga de pecados, vergonha e doenças humanas; tendo como símbolo o cálice; o evangelho da cura divina é o de Marcos, escrito originalmente aos romanos, povo patriota que se orgulhava do próprio poderio militar e de servir aos seus superiores. Assim, Marcos apresenta Jesus como servo diante de Deus para tomar sobre si as nossas dores.

A crença e prática da cura divina também esta fundamentada na afirmação bíblica de Hebreus 13.8, Jesus Cristo é o mesmo ontem, hoje e eternamente, e ainda no exemplo de Jesus que curou muitos enfermos e também comissionou seus discípulos para realizarem o mesmo.

E disse-lhes [Jesus]: “Ide por todo o mundo, proclamai o Evangelho a toda criatura. Aquele que crer e for batizado será salvo; o que não crer será condenado. Estes são os sinais que acompanharão os que tiverem crido: em meu nome expulsarão demônios, falarão em novas línguas, pegarão em serpentes, e se beberem algum veneno mortífero, nada sofrerão; imporão as mãos sobre os enfermos, e estes ficarão curados”. (Marcos 16.15-18)

Marcelo Lopes faz uma definição sobre o que significa cura divina.

O termo cura divina, sinteticamente, remete aqui a quaisquer intervenções supraempíricas, sobrenaturais num dado estado de perturbação da saúde psicofísica, tenha ela causas espirituais ou não, e, como ponto central, seja atribuída ao Deus do cristianismo a alteração, a melhora qualitativa do estado morbo anterior, e, quiçá, a erradicação da doença/enfermidade. (LOPES, 2015, p. 91)

A cura divina sempre esteve relacionada às enfermidades e doenças físicas. Nos muitos testemunhos, sejam constantes na literatura impressa, ou realizados durante os

⁵ Este era o nome de solteira de Aimee Semple McPherson

cultos, percebe-se a fé dos fieis em ação. Embora a cura não seja uma exclusividade dos pentecostais, pois na cultura indígena e algumas religiões de matriz africana também existem rituais para a cura, embora diferentes entre si, a cura sempre exerceu um lugar de destaque no pentecostalismo brasileiro principalmente após a chegada da IEQ no Brasil.

3.1. Resignificação da doutrina e prática da cura divina

No pensamento teológico contemporâneo a cura divina continua sendo assunto de destaque. Embora nos primórdios do movimento pentecostal muitos olhassem com desconfiança e dúvidas, na atualidade os que entendem a necessidade de um evangelho integral, enxergam a cura divina como um sinal da chegada do Reino de Deus.

Ao lado do anúncio do Evangelho, a cura dos enfermos é o mais importante testemunho dado por Jesus da chegada do Reino de Deus. De acordo com Mt 10.8, curar os enfermos é também uma tarefa dos discípulos de Jesus, e por isso também parte essencial do apostolado da Igreja. Por isso a experiência de curas de doenças físicas e psíquicas faz parte da experiência carismática da vida. No contexto da fé as curas são sinais da nova criação da vida. (MOLTMANN, 2010, p. 181)

Observando o ministério de Jesus na Galiléia, notamos que as pessoas se apresentavam não como “pecadores”, como em Paulo, mas sim como “enfermos” (MOLTMANN, 2010, p. 181), provavelmente devido aos escassos recursos que a medicina fornecia, e firmados na esperança de que o Messias poderia tirá-las do confinamento, como nos casos dos leprosos (Mateus 8.2-4; Lucas 17.12-17) ou do isolamento social, como a mulher do fluxo de sangue (Mateus 9.20) que além de padecer com uma hemorragia ainda era considerada imunda pela Lei (Levítico 15), restaurando a eles a saúde física e a dignidade humana. A cura divina mais que o bem estar físico, pode devolver ao homem uma vida plena ou abundante como Jesus afirmou ao dizer: Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância (João 10.10)

Esse aspecto da cura como restauradora da dignidade humana é facilmente assimilado no contexto latino e principalmente brasileiro, que marcado por uma pobreza estrutural e corrupção generalizada, não possui condições de oferecer um sistema de saúde que atenda as necessidades da população, que encontra na fé uma meio de alívio físico e dignidade humana.

Outro aspecto da cura divina como sinal do Reino de Deus hoje, ou seja, como parte integrante de um Evangelho Integral é seu aspecto como precursora da ressurreição.

Assim como as doenças graves são precursoras da morte, assim devemos entender as curas de enfermidades como precursoras da ressurreição. Em toda enfermidade grave nós lutamos contra a morte. Em toda cura nós nos sentimos devolvidos a vida e como que nascidos de novo. Em vista da enfermidade o Reino de Deus quer dizer – cura. Em vista da morte o Reino de Deus quer dizer – ressurreição. (MOLTMANN, 2010, p. 182)

Porém precisamos entender que há um aspecto contingente na cura divina, elas ocorrem onde e quando Deus quer (MOLTMANN, 2010, p. 183), não se trata de um método que possa ser ensinado/aprendido. Há uma característica subjetiva, pois se trata de uma interação entre Jesus, a fé e a pessoa. Cabe ao discípulo de Jesus impor a mão e orar pelos enfermos pedindo a cura conforme Marcos 16.18.

Por último cabe à comunidade de fé, fornecer cura integral ao enfermo. Existe uma cura através do carinho, da confiança e da nova comunidade (MOLTMANN, 2010, p. 183), para aqueles que sofrem relações perturbadoras com os quais convive. O Reino de Deus traz uma nova possibilidade de relacionamento do homem consigo mesmo e com o próximo.

4. Pneumatologia – batismo com Espírito Santo

A pneumatologia na doutrina quadrangular é enfatizada no batismo com Espírito Santo, conforme o artigo XII da DFIEQ:

Cremos que o batismo no Espírito Santo é o recebimento do prometido Consolador, em poderosa e gloriosa plenitude, a fim de revestir o crente com poder do alto; para glorificar e exaltar o Senhor Jesus; para dar uma palavra inspirada em testemunho dEle; para promover o espírito de oração, santificação e sobriedade para capacitar o indivíduo e a igreja a ganhar almas de maneira eficiente, prática, alegre, cheio do Espírito; e que, sendo esta ainda a dispensação da Graça, tem o crente todo o direito de esperar o seu recebimento da mesma maneira pela qual o receberam judeus e gentios igualmente, nos dias bíblicos, conforme se encontra registrado na Palavra, de modo que possa ser dito de nós o que foi com respeito à casa de Cornélio; o Espírito Santo caiu sobre ele, no princípio, assim como em nós agora. (CND - CONSELHO NACIONAL DE DIRETORES IEQ, 2006, p. 31)

O batismo no Espírito Santo esta representado e tipificado na visão de Ezequiel pelo rosto do Leão, a figura típica de força e poder; tem como símbolo a pomba; o evangelho de João, escrito para todos os cristãos e apresenta Jesus como o filho do Deus Altíssimo, como o único que pode batizar com o Espírito Santo.

A pneumatologia ainda se complementa nos seguintes artigos da DFIEQ: XIII – A vida cheia do Espírito Santo, XIV – Os dons do Espírito Santo e XV – O Fruto do Espírito Santo.

Caracteriza o batismo com o Espírito Santo a experiência carismática narrada em Atos 2.1-4. A doutrina quadrangular expressa que se trata de uma experiência permanente, disponível a todo cristão, não se limitando ao tempo dos apóstolos.

“Todavia, a Bíblia não coloca a perpetuidade do Pentecostes simplesmente como uma inferência lógica, mas como um pronunciamento explícito. Pedro prometeu aos que se arrependeram no dia de Pentecostes: “... e recebereis o dom do Espírito Santo. Pois, para vós outros é a promessa, para vossos filhos, e para todos os que ainda estão longe, isto é, para quantos o Senhor nosso Deus chamar” (Atos 2.38-29). (COX, 1969, p. 98)

O Pentecostalismo, por deveras vezes, é acusado pelos excessos cometidos em manifestações bizarras que são atribuídas ao Espírito. O posicionamento quadrangular frente aos excessos aponta para o equilíbrio. É uma igreja pentecostal, que acredita na atualidade dos dons e manifestações do Espírito Santo, com características moderadas.

Os quadrangulares não defendem o fanatismo em qualquer de suas formas. Nossa fundadora adotava o conceito de manter-se no meio do caminho, evitando frieza de um lado e o excesso emocional do outro. Não obstante, a experiência mostra que é sempre mais fácil restringir um fanático do que ressuscitar um cadáver. O fanatismo não prejudicou tanto o progresso da fé cristã como o formalismo e a indiferença, especialmente, porque aquilo que o homem chama de dignidade no ritualismo religioso, com frequência, mostra ser apenas o nome errado para o “rigor mortis” espiritual. E a liturgia, algumas vezes, promove a letargia. (COX, 1969, p. 101)

Ainda que muitos pentecostalismos modernos não entendam assim, doutrina quadrangular tem como pressuposto que o falar em línguas é a evidência inicial do batismo com o Espírito Santo.

A evidência bíblica desta experiência é, invariavelmente, o falar em outras línguas, conforme o Espírito concede que falem. Os quadrangulares mantêm-se firmes na proclamação de que esta é a evidência inicial indispensável da plenitude do Espírito Santo. Não

transigimos nisso, pois, devemos permanecer fiéis às Escrituras. (COX, 1969, p. 102)

A pneumatologia quadrangular esta fortemente centrada no carisma, o que na prática, implica na busca por experiências espirituais. Mais uma vez a dualidade platônica parece permear o pensamento cristão, pois é notável que na busca por essa experiência, há um entendimento equivocado de que a carne precisa ser sacrificada para que o espírito possa ser fortalecido. A dualidade carne versus espírito é característica na pneumatologia quadrangular e pentecostal em geral, aliás no cristianismo.

O dualismo platônico da alma e corpo encontrou-se com o cristianismo da Antiguidade Tardia no desprezo gnóstico pelo corpo e em seu anseio por uma redenção voltada para o além: A alma, que toda a sua vida esteve encarcerada no corpo, anseia por libertar-se desta prisão, não por transformar esta prisão numa pátria onde lhe seja agradável morar. [...] Mas isto acarreta a entrada em cena de uma “espiritualidade” mais ou menos branda, hostil ao corpo, não sensível, distanciada do mundo e da política – numa palavra gnóstica –, em vez da original vitalidade judaica cristã da vida que renasce do Deus criador. (MOLTMANN, 2010, p. 93)

Faz se necessário regatar uma compreensão mais equilibrada desse dualismo corpo e alma para um entendimento mais abrangente da pneumatologia.

4.1. Resignificação da doutrina e prática na pneumatologia quadrangular

Para uma resignificação, tanto doutrinária como na prática pneumatológica, precisamos dar uma nova vitalidade à compreensão bíblica da vida (alma e corpo) originalmente criada por Deus e expressa na Imago Dei. Essa análise será feita à partir de uma perspectiva moltmaniana.

A vida criada por Deus não pode ser expressa na individualidade de cada pessoa, e sim na vivência comunitária, como bem definiu Moltmann. Imago Dei são todas as pessoas em sua comunidade específica dos sexos, pois “macho e fêmea ele os criou” (Gn 1.27) (MOLTMANN, 2010, p. 97). Dessa forma a experiência com Deus não se realiza na autoexperiência mística, mas sim na comunhão, na vivência social, e aqui a alma precisa do corpo para se relacionar, há uma completude formando uma unidade entre corpo e alma, onde a ausência de um ou outro aniquila nossa humanidade e como consequência a oportunidade de experimentar Deus.

Essa experiência com Deus é uma experiência íntima com o Espírito de Deus. O Espírito de Deus é o Espírito de Cristo e como tal ele é o Espírito da ressurreição dos

mortos (MOLTMANN, 2010, p. 97). Ressurreição só existe se existir corpo. A experiência espiritual não separa a alma do corpo, ainda que seja uma experiência de enlevo, de ir para além, ele continua a ser espírito humano⁶; continua a ser o que é. (TILLICH, 2014, p. 568).

O Espírito não atrai a alma buscando separá-la do corpo, como também não a faz percorrer esta terra correndo em busca do céu, mas coloca o homem inteiro, terreno e corporal, na alvorada da nova terra. Por isso Paulo também pode chamar a ressurreição dos mortos de “vivificação de nossos corpos mortais” (Rm 8.11). Quem experimente o espírito da nova criação em comunhão com o Cristo ressuscitado, experimenta já aqui um pouco da vivificação do corpo mortal enfermo e oprimido. (MOLTMANN, 2010, p. 98)

Posto isto, fica evidente que a experiência espiritual com o Espírito Divino esta relacionada ao ser completo. É uma experiência com o Espírito que produz uma vivificação carismática da própria vida. A sensação de êxtase experimentada pelo pentecostal e limitada a manifestação do carisma, pode ser ampliada e manifestada numa vida plena, ou como definiu Tilich, sem ambiguidades.

Embora o caráter extático da experiência da Presença Espiritual não destrua a estrutura racional do espírito humano, ela realiza algo no espírito humano que este não poderia fazer por si mesmo. Quando ela se apodera do ser humano, cria vida sem ambiguidade. (TILLICH, 2014, p. 568)

E nesta vida sem ambiguidades que vemos o renascimento próprio e da comunidade, começamos a florescer, nos tornamos fecundos, desperta em nós um insuspeito amor à vida que expelle os germes da resignação e cura as lembranças dolorosas (MOLTMANN, 2010, p. 98), gera liberdade e libertação, tanto num contexto presente como num contexto futuro.

A experiência carismática tradicional se manifesta fortemente na liturgia do culto pentecostal, através do louvor e adoração a Deus, nas orações, palavras, profecias, testemunhos e ainda manifestações corporais como erguer as mãos, bater palmas, dançar, etc, o que de certa forma identifica a manifestação plena do ser humano, porém limitada a um espaço, ou grupo específico. Uma compreensão ampliada deste fenômeno pode levar a experiência para fora, levando vida e restaurando a Imago Dei na humanidade caída, uma obra genuinamente do Espírito.

⁶ Paul Tilich, em sua Teologia Sistemática, utiliza o termo “espírito humano” para dar um nome adequado àquele função da vida que caracteriza o ser humano como humano, ou seja, o ser integral (corpo + alma).

A prática quadrangular e dos pentecostais em geral, se beneficiaria dessa compreensão pneumatológica moltmaniana, energizando e capacitando as comunidades a exercerem maior influência nas localidades onde estão inseridas. Através de seus carismas, e da espiritualidade exalante de vida, vivificando áreas antes destruídas pelo pecado.

5. A escatologia – a segunda vinda de Cristo

A crença na Segunda Vinda de Cristo esta expressa no artigo XVIII da DFIEQ:

Creemos que a segunda vinda de Cristo é pessoal e iminente; que Ele descerá do céu nas nuvens de glória com voz de arcanjo e com a trombeta de Deus. E que, nesta hora, a qual ninguém sabe antecipadamente, os mortos em Cristo se levantarão e os remidos que estiverem vivos serão levados acima, junto com eles, nas nuvens a encontrar o Senhor nos ares, para estarem sempre com o Senhor. Sabedores que mil anos são como um dia para o Senhor, e que ninguém sabe a hora do seu aparecimento, que embora creiamos estar próximo, em obediência a sua ordem categórica “trabalhai até que eu venha”, a obra da propagação do Evangelho, o envio de missionários e as obrigações gerais para a edificação da igreja devem ser promovidas tão ampla e diligentemente remindo o tempo para que mui breve a Igreja uníssona clame: “Ora vem Senhor Jesus!” (CND - CONSELHO NACIONAL DE DIRETORES IEQ, 2006, p. 35-36)

A Segunda Vinda de Cristo esta representada e tipificada na visão de Ezequiel pelo rosto da Águia, representando Jesus Cristo como o Rei que há de vir, assim como a águia é reconhecida como a rainha das aves; tendo como símbolo a coroa; o evangelho de Mateus, escrito para os hebreus, povo que esperava pela promessa de que o Messias viria para reinar eternamente. Por esse motivo, Mateus apresenta Jesus como o Rei que há de vir para buscar a Sua igreja; e representada na bandeira quadrangular pela cor púrpura.

Outros artigos da DFIEQ que complementam a posição escatológica da IEQ são: XXI – O Juízo Final, XXII – O céu e XXIII – O inferno. A IEQ é pré-milenarista, dispensacionalista e pré-tribulacionista em sua escatologia.

O ITQ desde muito cedo adotou para o ensino escatológico a obra de N. Lawrence Olson “O Plano Divino Através dos Séculos”, disseminando entre os pastores o ensino dispensacionalista que perdura até a atualidade.

O dispensacionalismo interpreta as escrituras de forma mais literal possível. Isso se explica porque sua origem foi de certa forma paralela ao fundamentalismo. Os quadrangulares rejeitam toda fórmula que tente desacreditar o cumprimento literal das promessas e profecias bíblicas da volta de Cristo. (COX, 1969, p. 161)

Nossa fundadora proclamou, indiscutivelmente, não só a vinda pré-milenar de Jesus Cristo, como também o arrebatamento da Igreja antes da tribulação. Qualquer estudo em profundidade dos artigos e sermões impressos de Aimee Semple McPherson irá documentar esta ênfase. (COX, 1969, p. 162)

Essa posição dispensacionalista e pré-milenarista é radical e rejeita categoricamente as posições pós-milenaristas e amilenarista.

A posição quadrangular oficial sobre o Segundo Advento, portanto, rejeita o pós-milenarismo e o amilenarismo, apoiando o pré-milenarismo. Embora o arrebatamento pré-tribulação não seja explicitamente expresso em nossa confissão, esta foi indiscutivelmente a posição de nossa fundadora e permanece a posição de, virtualmente, toda autoridade quadrangular na profecia e escatologia bíblica. (COX, 1969, p. 163)

5.1. Resignificação escatológica

A questão escatológica parece um tanto engessada, e logo o diálogo ou proposta de uma atualização do pensamento parece ser dificultosa, nenhum dos outros três pontos cardinais da doutrina quadrangular, aparentam estar tão congelados em sua compreensão. Isto talvez se explique principalmente pela compreensão pessimista dessa linha teológica, que diante das catástrofes noticiadas diariamente pelos meios de comunicação podem nos dar a impressão de que realmente o “fim do mundo” está chegando, sem citar ainda, as produções apocalípticas hollywoodianas e o gênero musical pentecostal apocalíptico.

Uma crítica a este sistema escatológico é o forte sentimento de uma esperança apenas futurista, onde a vida verdadeira só acontece no alto, quando da volta de Cristo. Fica muito evidente na hinologia o desprezo pela vida presente e o anelo pela vida futura.

A falta de uma teologia reflexiva agrava a situação. Entre os quadrangulares e pentecostais em geral, existe uma cultura seminarística de transferência de conhecimento, onde o professor deposita o conhecimento em um aluno, ao invés de

desenvolver a criticidade. E como consequência a “verdade bíblica” vem empacotada e pronta para ser entregue.

Uma ressignificação do pensamento escatológico quadrangular só ocorrerá como consequência de uma reflexão crítica para atribuição de novos significados aos demais pontos cardinais da doutrina da IEQ.

Conclusão

A base dogmática da IEQ remonta a década de 20 nos Estados Unidos da América, um contexto completamente adverso da contemporaneidade. Urge então a necessidade de uma reflexão teológica contextualizada à América Latina, como forma de atualizar seu pensamento e prática e garantir sua relevância na atualidade.

As propostas apresentadas neste trabalho são um passo inicial que demonstram a possibilidade de trazer novos significados a doutrina quadrangular, sem, contudo descaracterizar o Evangelho Quadrangular como originalmente concebido. Porém isto não descarta a necessidade de uma revisão profunda e abrangente que possa tornar a doutrina quadrangular mais alinhada às necessidades da sociedade contemporânea.

Que o espírito pioneiro, a ousadia e a unção do Espírito Santo evidente nos missionários e primeiros obreiros brasileiros, que não se intimidaram ao chegarem a cidades desconhecidas e implantarem suas tendas, possa despertar e capacitar novos obreiros com capacidade crítico reflexiva, disposição e amor pela IEQ, para ampliar o alcance de uma mensagem quadrangular vivificada e vivificante, que traga liberdade e libertação, e que seja um sinal do Reino de Deus.

Referências Bibliográficas:

A Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002.

BRUCE, F. F. *Comentário Bíblico NVI - Antigo e Novo Testamento.* 1ª. ed. São Paulo: Vida, 2008.

BUCKLAND, A. R. *Dicionário Bíblico Universal.* São Paulo: Vida, 1981.

CHAMPLIN, R. N. *O Novo Testamento Interpretado Versículo por Versículo.* São Paulo/SP: Editora e Distribuidora Candeia, v. IV, 1995.

CND - CONSELHO NACIONAL DE DIRETORES IEQ. *Estatuto e Regimento Interno da Igreja do Evangelho Quadrangular.* São Paulo: Quadrangular, 2006.

COX, R. L. *A Visão de Aimee Semple McPherson - O Evangelho Quadrangular.* São Paulo: Quadrangular, 1969.

DREHER, M. N. *Bíblia - Suas Leituras e Interpretações na História do Cristianismo.* 2ª. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2013.

GIUMBELLI, E. *Religiões no Brasil dos anos 1950: processos de modernização e configurações da pluralidade.* PLURA, Revista de Estudos da Religião, v. 3, p. 79-96, Jan-Jun 2012.

LOPES, M. *O legado de uma pioneira: Aimee Semple McPherson, a cura divina e seus desdobramentos no subcampo religioso pentecostal brasileiro.* PLURA - Revista de Estudos da Religião, Juiz de Fora/MG, v. 6, p. 74-99, 2015. ISSN 1.

LOPES, M. *Pentecostalismo no Brasil e a cura divina: um olhar histórico e fenomenológico.* Sacrilégens - Revista dos Alunos do Programa de Pós Graduação em Ciências da Religião - UFJF, Juiz de Fora, v. 11, p. 89-110, Jan-Jun 2015. ISSN 1.

MARCHALL, I. H. *Teologia do Novo Testamento: diversos testemunhos um só evangelho.* 1º. ed. São Paulo: Vida Nova, 2007.

MARIANO, R. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil.* São Paulo: Edições Loyola, 2005.

MCGRATH, A. E. *TEOLOGIA - sistemática, histórica e filosófica - Uma Introdução a Teologia Cristã.* 1º Edição. ed. São Paulo: SHEDD Publicações, 2005.

MENDONÇA, A. G. *Protestantes, Pentecostais & Ecumênicos - O campo religioso e seus personagens.* São Bernardo do Campo: UMESP, 1997.

MOLTMANN, J. *O Espírito da Vida - Uma Pneumatologia Integral.* Petrópolis: Vozes, 2010.

OLIVEIRA, M. A. D. *Pentecostais: história, contexto e caminhos para teologizar*. Integratio Revista Interdisciplinar de Arte, Educação e Teologia, Campinas, v. 1, p. 67-77, julho a dezembro 2015. ISSN 2447-3200.

PADILLA, C. R. *Missão Integral - O reino de Deus e a igreja*. Viçosa/MG: Editora Ultimato, 2014.

ROCHA, C. *Responsabilidade Social da Igreja*. 1ª. ed. Londrina/PR: Descoberta Editora Ltda, 2003.

ROSA, J. O. *O Evangelho Quadrangular no Brasil*. 2ª. ed. Belo Horizonte: Betânia, 1978.

SANCHES, R. F. *Como Fazer Teologia da Missão Integral*. 1ª. ed. São Paulo/SP: Garimpo, 2016.

TILLICH, P. *Teologia Sistemática*. 7º Revisada. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2014.